

No Monte de Caparica

UNINOVA, uma associação universidade-empresa

Ana Sá Lopes (texto)
Inácio Ludgero (fotos)

Vinte e oito membros fundadores

Uma associação universidade-empresa que já foi considerada «modelo europeu». Ela a que é a Uninova, situada no «campus» da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, no Monte de Caparica cujo centro de robótica foi recentemente inaugurado.

«A Uninova surgiu na sequência da consciencialização de um grupo de universitários, fundamentalmente ligados às Faculdades de Ciências e Tecnologia, de que se impunha estabelecer relações, que entendiam fundamentais, com o sector económico, nomeadamente a indústria e serviços», conta Leopoldo Guimarães, que é, simultaneamente, director da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNL e presidente da aquele estabelecimento de investigação.

Assim, a Uninova surgiu da necessidade de ultrapassar o grande fosso existente entre o que o sector produtivo e de serviços efectivamente requer e o que as universidades podem oferecer.

«O «produto» universitário, até aos dias de hoje, não tem sido finalizado de modo a ser utilizado imediatamente pela indústria», diz o presidente da Uninova, acrescentando que, por outro lado, «o nosso sector produtivo e de serviços está habituado a depender tecnologicamente de outros países».

«Por consequência, na realidade, nunca necessitaram do apoio da universidade», afirma. Assim, este apoio cingia-se apenas à «fabricação» de licenças que permitissem preencher os quadros necessários à indústria e aos serviços. «Quando ao desenvolvimento de projectos, designadamente de cariz industrial, com base na investigação universitária, era um mundo relativamente proibido, em que até há pouco tempo, ninguém estava interessado em penetrar», recorda Leopoldo Guimarães.

Como resolver o problema? «Ou chegando a universidade à indústria, ou aproximando esta da universidade, ou fazendo chegar as duas a uma espécie de «ponto central». Assim veio a concretizar-se a ideia de fazer a associação universidade-empresa, «aproveitando o inenso potencial científico e tecnológico existente na universidade, nomeadamente a Faculdade de Ciências e Tecnologia e seguindo também, o exemplo de outras acções já desenvolvidas através de entidades como o INESC».

E foi naquela que se concretizou a hipótese de agregar, no mesmo instituto, entidades provenientes da estrutura empresarial pública e privada, bem como outros organismos, públicos também, mas não empresariais. Assim, conseguiu-se, através de laboriosas negociações, estabelecer as bases de um instituto, localizado no «campus» da Faculdade de Ciências e Tecnologia, que tem, para além da própria FCT, outros 28 membros fundadores.

Compromisso financeiro

O vínculo é «efectivo», não apenas baseado em acordos assinados e «propagandeados», porque existe um compromisso financeiro: «Sem vínculo financeiro nunca há vínculo efectivo», assinala Leopoldo Guimarães. «Há apenas uma declaração de intenções e não se passa disso...»

Assim, o «vínculo», que é uma responsabilidade com-

partilhada entre a faculdade e todos os membros fundadores, assenta em estatutos que preveem a existência de órgãos do instituto em que estão presentes, em simultâneo, a indústria e a universidade. Além da assembleia geral, comum a todas as associações do género, existe um conselho geral, composto por cinco pessoas ligadas à indústria e outras cinco que representam a investigação universitária, havendo um presidente que é, efectivamente designado pela Faculdade de

Ciências e Tecnologia. Para além disso, existe uma direcção composta pela FCT, IPE (Investimentos e Participações do Estado) e Associação Industrial Portuguesa. É esta a direcção que tem, efectivamente, a missão de gerir a Uninova e um objectivo a cumprir: o de co-partilhar toda a responsabilidade, «partilhando os êxitos e os insucessos».

Para se tornar membro da Uninova, todas as empresas e organismos entraram com um mínimo de mil contos, varian-

do o montante e outros índices, na Uninova. A participação variou, assim, entre mil e 20 mil contos.

A Uninova — Instituto de Desenvolvimento de Novas Tecnologias — tornou-se, assim, uma associação universidade-empresa, a funcionar no âmbito Comett das Comunidades Europeias, tendo sido considerada um dos três modelos europeus, conjuntamente com uma associação inglesa e outra francesa.

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Empresas - rel.) e/ou universidade